

## **O discurso jornalístico e a criação da imagem carismática.**

Rogério Souza Silva\* - Universidade Estadual de Santa Cruz.

A revista ilustrada *Anauê!* (1935-1937) constituiu-se em um dos principais órgãos de propaganda da Ação Integralista Brasileira (A.I.B.). Sua circulação era nacional, assim como a sua cobertura. Seu perfil doutrinário não impediu que ela seguisse a tradição de décadas de existência de publicações, semanais, quinzenais ou mensais, cujo o conteúdo era uma mescla de textos e imagens visuais. *O Malho*, *Careta*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana*, são os nomes mais conhecidos desses tipos de periódicos, que além das fotografias e caricaturas tinham na pluralidade de temáticas tratadas umas das suas principais características. A *Anauê!* seguia uma linha editorial semelhante. Fotos dos camisas-verdes de diferente lugares do Brasil, nas mais diversas situações: em casa, nos esportes, nos estudos e, essencialmente, nas manifestações públicas dos seguidores do sigma. As blusas-verdes (mulheres) e os plinianos (crianças) eram figuras sempre presentes. Juntamente com as imagens, os artigos dos principais nomes do movimento eram constantes, além da análise dos fatos políticos, que sempre eram interpretados à luz do integralismo.

Essas características comuns que aproximavam a *Anauê!* de outras revistas ilustradas terminam quando se observa a sua necessidade de construir uma lenda pessoal em torno de seu líder: Plínio Salgado. Sua infância, seus primeiros estudos, sua trajetória política aparecem legitimados pela vontade divina e pela história, como se a A.I.B. estivesse predestinada a tomar o poder e mudar os rumos do país.

A revista da A.I.B. era parte importante de um amplo leque de publicações voltadas para a construção da imagem do movimento e do líder. Percebe-se nas análises discursivas de seus textos elementos onde o *carisma* era um dos fatores centrais. O grande líder, o grande movimento, a legitimação dada pelo passado, as grandes promessas do futuro caracterizam essa forma de agir politicamente.

Antes de examinar os aspectos do discurso integralista em *Anauê!* faz-se necessário entender como o conceito de *dominação carismática* que foi elaborado por Max Weber.

### **Definição de carisma.**

Na obra *Economia e Sociedade* Max Weber, a partir de capítulo IX, faz uma reflexão sobre as várias formas de dominação existentes em diversas sociedades, ao longo da história. Dentre as que o autor cita, a dominação carismática apareceria em diferentes contextos, especialmente nos momentos de crise, sendo algo que fugia ao que era *cotidiano* em determinada comunidade.

“Ao contrário, a satisfação de todas as necessidades que *transcendem* as exigências da vida econômica cotidiana tem, em princípio, fundamentos totalmente heterogêneos: carismáticos – e isto em grau crescente nos tempos remotos. Isto significa: *líderes* “naturais”, em situações de *dificuldades* psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas, não eram pessoas que ocupavam um cargo público, nem que exerciam determinada “profissão” especializada e remunerada, no sentido atual da palavra, mas portadores de dons físicos e espirituais específicos, *considerados* sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo mundo)”<sup>1</sup>.

Após mostrar exemplos de manifestações de líderes e movimentos que, desde dos tempos remotos, expressariam o carisma, Weber confronta o poder carismático com a forma de poder burocrático. Para o autor esta última constitui-se na forma mais racional de dominação, sendo antagônica em relação a outra:

“Em oposição a toda espécie de organização administrativa burocrática, a estrutura carismática não conhece nenhuma forma e nenhum procedimento ordenado de nomeação ou demissão, nem de “carreira” ou “promoção”; não conhece nenhum “salário”, nenhuma instrução especializada regulamentada do promotor do carisma ou de seus ajudantes e nenhuma instância controladora ou à qual se possa apelar; não lhe são atribuídos determinados distritos ou competências objetivas exclusivas e, por fim, não há nenhuma instituição permanente e independente das pessoas e da existência de seu carisma pessoal, à maneira das “autoridades” burocráticas.”<sup>2</sup>

Portanto, Max Weber vê as duas formas de poder de maneira bastante diferenciada. Uma se enraizando em processos técnicos, racionais e determinando um conjunto de normas na estruturada sociedade, enquanto a outra baseia-se em um homem, suas atitudes

fogem aos padrões de racionalidade e suas normas não se pautam nas necessidades cotidianas. Em suas palavras este antagonismo é tão claro que ele afirma que o carisma: “(...) apesar de viver dentro deste mundo, não vive dele.”<sup>3</sup>

Entretanto, o autor reconhece o papel histórico desse fenômeno, vendo-o como uma força revolucionária. Além disso, ele mostra que nas estruturas modernas o carisma ainda se faz presente. O próprio desenvolvimento do sistema eleitoral, a criação de partidos e o aumento no número de eleitores pode provocar o aparecimento desta forma de dominação:

“O fato de que todo efeito emocional sobre as massas tem certos traços “carismáticos” também faz com que a burocratização crescente dos partidos e das atividades eleitorais, precisamente quando alcança seu auge pelo súbito culto entusiástico a um herói carismático, possa ser forçada a servir este último. Neste caso – como demonstrou a campanha de Theodore Roosevelt, em 1912, contra Tafts -, o heroísmo carismático entra em conflito com o poder cotidiano da “empresa do partido”<sup>4</sup>.

Mesmo que existam resquícios de carisma numa estrutura burocrática, está última, na visão weberiana, predominaria. Mesmo que uma liderança carismática surja dentro de um mundo moderno e burocrático, mesmo que ela tome o poder, a dinâmica dessa sociedade a empurraria para uma racionalização, onde as necessidades cotidianas e os ditames econômicos promoveriam a sua transformação.

Richard Sennett faz uma crítica à análise de Max Weber ao olhar entre a segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, um declínio da vida pública, que teria sido causada, entre outros fatores, pelo crescente personalismo dentro da atividade política. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massas também teriam contribuído para isso, estimulando a permanência do carisma<sup>5</sup>. Assim, Sennett não vê este fenômeno como excepcional e temporário, mas como algo predominante em nossos dias.

### ***A Anauê!* e a imagem carismática de Plínio Salgado.**

Qualquer grupo político necessita de meios de comunicação com a sociedade na qual desejam continuar dominando ou vir a dominar. Eles são os porta-vozes dos anseios destes grupos. A revista *Anauê!* exercerá muito bem este papel, conseguindo expressar

uma linguagem política massificada, que recorria aos princípios religiosos tradicionais, valores familiares, junto, com o que era para a época, a uma moderna técnica de propaganda, tendo como uma de suas características a ênfase na personalidade do líder

Na primeira edição de *Anauê!* Plínio Salgado afirma que escreveu o texto *O grito de esperança e fé* a pedido dos diretores da revista. O Chefe Nacional procura demonstrar a amplitude do movimento, citando as diferentes regiões do Brasil e as inúmeras profissões, do operário ao soldado, tendo estes no integralismo sua única esperança. Em seguida, expõem resumidamente o programa do movimento e finaliza com os seguintes dizeres:

“Anauê! Anauê! Anauê!

E, principalmente, pela marcha da nossa Revolução; pela transformação da mentalidade dos que se deixaram adormecer sob a árvore já podre pelo democratismo no alvorecer do século XIX; pelo destino luminoso das Novas Gerações; pela nossa entrada triunfal no século XX; pela civilização do Futuro, que saberemos criar com o poder de nossas inteligências e com toda a força do nosso braço; pelo Brasil de Amanhã, Brasil de Deus, Brasil dos brasileiros, Brasil integralista; pela bandeira azul e branca do Sigma timbrada pela trágica chancela do sangue dos nossas Mártires:

Anauê! Anauê! Anauê!”<sup>6</sup>

Seja nos escritos de Plínio Salgado, ou nos dos outros quadros da A.I.B., a missão do movimento na mudança de todos os aspectos da sociedade brasileira era algo latente. As atitudes e gestos que aparecem na cobertura de notícias da revista são permeadas com uma enorme carga emocional. Era o exercício da política tomando tons de espetáculo. Atenção às crianças, o carinho com os idosos, eram partes integrantes da ação:

“O beijo da esperança:

Ao entrar em S. José de Rio Preto, escoltado pela cavalaria integralista, é recebido o Chefe Nacional por um ancião de 104 anos de idade, uma senhora e uma criança de colo que lhe entregam num estojo a chave simbólica da cidade. O Chefe, comovido beija a graciosa pliniazinha e ergue com os 3.022 “camisas-verdes” que ali estavam, três anauês ao Presente, ao Passado e ao Futuro!”<sup>7</sup>

Um dos componentes principais do discurso integralista era a idéia de uma *Revolução do Espírito* que teria como meta uma revalorização do cristianismo e um combate ao materialismo que estaria predominando no mundo. *Deus, pátria e família* formaram um tripé que era constantemente utilizado pelos articulistas da revista para reforçar seus

argumentos políticos. Os ataques empreendidos pelos camisas-verdes tinham como alvos dois grupos que são declarados seus inimigos: comunistas e liberais-democratas. Há constantes repulsas às idéias simpáticas ao marxismo e ao individualismo burguês, que são apresentados como legados do século XIX, não sendo uma resposta para as necessidades dos dias atuais. O integralismo era apresentado como a melhor resposta para os problemas do século XX. A imagem do Chefe Nacional era colocada como o símbolo de todos os valores legitimamente brasileiros. No artigo: “*Quem é o chefe?*”, Queiroz Ribeiro (Chefe do Departamento Nacional de Polícia da S.N.O.P. - Secretária Nacional de Organização Política). responde:

“É Plínio Salgado, uma expressão nacional do pensamento e da cultura, uma das inteligências mais robustas do momento atual. Num país, onde a indiferença atingiu as raias do impatriotismo, onde se ouve comumente denegrir o sentimento de Pátria e a idéia de família, Plínio Salgado é a força viva da construção, que, encarando o meio brasileiro com energia e coragem, disse um dia: ‘É preciso construir uma elite capaz de conduzir os destinos nacionais. O Brasil tem que se erguer: O Brasil tem de caminhar’”<sup>8</sup>.

A imagem política de um homem com uma missão de resgatar a nação permeia vários textos de *Anauê!* No entanto, as imagens de um *homem político*, muitas vezes, foi trocada pela de um *messias político*, expressando de forma cristalina uma postura carismática. Em todos os exemplares da revista há um significativo número de textos que se referem as ligações existentes entre o integralismo e o cristianismo (no movimento a maior parte de seus componentes era formada por católicos). Se as doutrinas estão ligadas os personagens que foram seus precursores também teriam pontos em comum. Eurípides Cardoso de Menezes, redator-chefe de *Anauê!*, compara Paulo de Tarso (São Paulo), o difusor do cristianismo, a Plínio Salgado:

“Na cristianização dos gentios o grande predestinado foi Paulo de Tarso. Na Salvação do Brasil, Plínio Salgado!

E a quem estuda a vida de ambos, não poderá escapar a extraordinária afinidade que os une por cima de vinte séculos!

Coloquemo-nos diante de Paulo de Tarso e de Plínio Salgado. Quanta semelhança!

Paulo era senador, doutor da Lei, filósofo, escritor emérito e conceituadíssimo na sua cidade; tudo abandonou para se dedicar de corpo e alma à *Causa do Evangelho*. Plínio Salgado, também filósofo e grande escritor, respeitado e querido na sua terra, tudo deixou, inclusive a cadeira de deputado, para se consagrar à *Causa do Brasil*, para ir de vila

em vila, de cidade em cidade, pregar aos seus irmãos a doutrina redentora do Sigma!

Ambos sofrendo a separação da família, ambos franzinos fisicamente e duma resistência admirável; falando horas seguidas, pela noite a dentro, aos ouvintes insaciáveis e eletrizados.”<sup>9</sup> [Grifos meus]

Outro paralelo do mesmo tipo mostra o Brasil na figura bíblica de Lázaro, o morto que fora ressuscitado por Jesus Cristo, este, obviamente, seria representado pelo Chefe Nacional:

“E o supremo exemplo, o modelo perfeito é o próprio Chefe Nacional, o homem extraordinário que conseguiu operar o mais grandioso de todos os milagres: a *ressurreição do Brasil*, este Lázaro chorado por todos os que o amavam, e que jazia morto e já em adiantado estado de decomposição, não há quatro dias como o Lázaro do Evangelho, mas há quatro longos séculos!” [Grifos meus]<sup>10</sup>

Estas citações são uma pequena parte de um amplo conjunto de analogias entre os membros mais importantes da A.I.B. e os personagens bíblicos. Como uma revista que representava um grupo político e, ao mesmo tempo, tentava atingir amplas camadas populacionais, a *Anauê!* procurou trabalhar os princípios do integralismo de maneira bastante didática usando muitos aspectos religiosos, como os citados acima, fazendo paralelos com figuras importantes da história oficial brasileira (como comparações entre Plínio Salgado e Tiradentes) e trabalhando as imagens dos seus adversários de maneira maniqueísta. O ponto máximo desse processo pode ser observado em suas edições entre os meses de julho e novembro de 1937, período em que Plínio Salgado pleiteou à Presidência da República nas eleições que ocorreriam no ano seguinte. Em um editorial da edição de agosto, intitulado: *Candidato nacional e popular*, há uma crítica ao excesso de recursos que seus adversários, Armando Sales de Oliveira e José Américo de Almeida, vinham utilizando em suas campanhas. A presença de uma “(...) classe de profissionais da propaganda eleitoral”<sup>11</sup> é denunciada no texto, por ela favorecer os candidatos com mais recursos econômicos. Em contrapartida, o Chefe Nacional é apresentado como candidato natural do povo ao cargo máximo do país:

“No Brasil só há um candidato que veio da poeira dos comícios, do abafamento das ruas apinhadas, do sangue generoso dos conflitos. Só há um candidato que falou uma palavra de angústia e que veio sintonizando o seu drama com o drama popular. Só há um candidato que pregou uma idéia e entregou a sua vida por

ela, empolgando as multidões, arremetendo-se, fascinado pelo destino comum do povo. Só há um candidato que tocou a corda sensível da alma brasileira e está colhendo frutos surpreendentes da sua grande descoberta.

É esse candidato, que vive com o povo, que se identificou com o Brasil, é o candidato do único partido que apresenta um plano revolucionário na disputa sucessional – o Integralismo. É Plínio Salgado, o candidato popular e nacional do Brasil.<sup>11 12</sup>

Apesar da análise negativa que o editorial faz sobre o uso da propaganda pelos adversários do Chefe Nacional, a A.I.B. foi uma das primeiras organizações políticas no país a utilizar habilmente e de maneira sistemática, os recursos propagandísticos. As idéias, as manifestações públicas e a construção da imagem carismática de Plínio Salgado são fundamentais para entender as raízes do marketing político no Brasil

---

## Notas.

\* Mestre em História e Cultura, professor de História da América na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Autor do livro: *Antônio Conselheiro: a fronteira entre a civilização e a barbárie*. São Paulo, Annablume, 2001 (Coleção Estudos Universitários)

<sup>1</sup> *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UnB, 1999p. 323.

<sup>2</sup> Idem, p. 324.

<sup>3</sup> Idem, p. 325.

<sup>4</sup> Idem, p. 339.

<sup>5</sup> Sennett, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lígia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 331-8

<sup>6</sup> *Anauê!*, Rio de Janeiro, Janeiro de 1935, ano I, n° 1, p. 03.

<sup>7</sup> Idem, outubro de 1935, ano I, n° 4, p. 03.

<sup>8</sup> *Anauê!*, Rio de Janeiro, Janeiro de 1935, ano I, n° 1, p. 62.

<sup>9</sup> *Anauê!*, Rio de Janeiro, janeiro de 1936, ano II, n° 6, p. 04

<sup>10</sup> *Anauê!*, Rio de Janeiro, Janeiro de 1935, ano I, n° 1 p. 42.

<sup>11</sup> *Anauê!*, Rio de Janeiro, agosto de 1937, ano III, n° 18, p. 09.

<sup>12</sup> Idem, p. 09.